

Jovens europeus

retrato da diversidade

*José Machado Pais, David Cairns e Lia Pappámikail**

Introdução

Fornecer um retrato dos jovens europeus em relação às transições para a vida adulta (nomeadamente da escola para o mercado de trabalho) confronta-nos com a diversidade de circunstâncias individuais e estruturais que pautam essas transições, quando se comparam jovens de diferentes países ou mesmo em cada um dos países considerados. Pesquisas que adotam diferentes paradigmas teóricos têm traçado diagnósticos e prognósticos – ora otimistas, ora pessimistas – dos problemas, das situações e das expectativas dos jovens europeus. No entanto, a complexidade das transições juvenis na contemporaneidade é consensual (cf. Pais, 1993; Cavalli e Galland, 1995; Furlong e Cartmel, 1997).

Apesar de os processos de transformação ocorrerem em diferentes tempos, consoante com as especificidades históricas de cada país, as últimas três décadas foram palco de mudanças em várias escalas: nos níveis institucional e estrutural, incidiram sobre o mercado de trabalho, o Estado Providência e o sistema educativo; no nível societário, refletiram-se nas dinâmicas culturais e nas práticas sociais. Cenários sociais de crescente flexibilização das relações laborais e precarização do emprego tiveram um impacto particular no modo como os jovens acedem ao mercado de trabalho. Um emprego “para toda a vida” é algo que os jovens não podem

*Os autores expressam seu agradecimento a todos os colaboradores do projeto FATE, sem cuja contribuição este artigo não teria sido possível.

1. Tome-se como exemplo os movimentos migratórios que se seguiram à queda do Muro de Berlim e ao desmembramento do eixo soviético, embora, neste caso, se devam também convocar fatores de natureza política como determinantes.

considerar como garantido, o que tem contribuído para aumentar sua mobilidade profissional e geográfica¹. Por outro lado, a extensão da duração média das carreiras escolares, apesar das diferenças significativas entre os países, tem favorecido o prolongamento do período de residência e dependência de muitos jovens em relação a suas famílias de origem, pelo menos em comparação com as gerações predecessoras (cf., entre outros, Galland, 1997; Furlong e Cartmel, 1997). Assim, várias pesquisas têm procurado caracterizar esse novo panorama, no qual a estabilidade é substituída pela incerteza e pelo risco, chamando a atenção para a necessidade de novos questionamentos teóricos na problematização dos modelos de transição para a vida adulta (cf. Beck, 1992; Evans e Heinz, 1994; Chisholm, 1997; Du Bois-Reymond, 1998; Looker e Dwyer, 1998; Rudd e Evans, 1998).

As transições juvenis e o modo como são captados e geridos os recursos que as suportam não podem, por outro lado, dissociar-se dos enquadramentos familiares em que ocorrem: a autonomização dos jovens é também constituída de dependência(s). Se, em alguns contextos nacionais, como em países do sul da Europa (Portugal, Espanha, Itália e Grécia), com Estados sociais relativamente pouco desenvolvidos, a família sempre desempenhou um papel relevante no suporte e na gestão das transições para a vida ativa – papel reforçado pelas transformações socioeconômicas antes mencionadas –, nos países do norte (Alemanha, Holanda e Dinamarca, por exemplo) os apoios estatais, embora pujantes, foram reduzidos substancialmente, “empurrando” as famílias para a linha de frente do apoio às transições juvenis.

Paralelamente a esse reforço ou (re)emergência do papel da família no apoio aos jovens (material e afetivo, instrumental ou simbólico), outra área de tensão nas transições juvenis remete aos processos de individualização, tanto em relação aos valores e às atitudes quanto às estratégias mobilizadas na negociação dos caminhos para a vida adulta. Apesar da persistência das assimetrias estruturais quanto à distribuição de recursos culturais e econômicos, várias pesquisas têm apontado a emergência de modos reflexivos e criativos de construção biográfica, bem como a adoção, por parte dos jovens, de éticas de vida mais expressivas, conviviais e hedonistas, especialmente ao sublinharem a importância de valores como a autonomia, a diversão, a experimentação etc. (cf. Du Bois-Reymond, 1998; Pais, 1998; Singly, 2000), além de crescentes expectativas de realização pessoal (cf. Mörch, 1997; Côté, 2000).

Este artigo procura, assim, explorar dados quantitativos e qualitativos recolhidos no decurso de um projeto integrado numa rede europeia de pesquisa, o FATE (Famílias e Transições na Europa)². Procedimentos estatísticos foram usados para aceder a perfis que permitissem ultrapassar estereótipos regionais, agregando os jovens inquiridos em constelações construídas a partir de suas situações correntes, trajetórias de vida e perspectivas de futuro. Esses perfis foram reforçados por meio do recurso a extratos de entrevistas, texturizando e aprofundando os resultados das análises multifatoriais. O fato de a amostra do estudo não ter coberto todo o espectro possível de trajetórias juvenis deve ser realçado. No entanto, o contraste de perfis cria um *patchwork* ilustrativo dos modos como as transições são geridas em contextos específicos. Num primeiro momento, contudo, algumas das mais relevantes contribuições teóricas da sociologia da juventude serão discutidas, de forma a situar analiticamente os processos sociais subjacentes às trajetórias dos jovens pesquisados.

Transições para a vida adulta: percursos teóricos

A resposta à pergunta “o que define a condição juvenil?” seria por si só suficientemente complexa se a multiplicidade de respostas dadas pelos pesquisadores nas últimas décadas servisse de indicador dessa complexidade. Para além de propostas que, por constrangimentos metodológicos, circunscrevem a “juventude” a um determinado espectro de idades – é o que acontece em pesquisas por sondagem baseadas em amostras estratificadas por faixas etárias –, a sociologia da juventude desenvolveu-se, *grosso modo*, segundo dois eixos analíticos principais: ora por meio de abordagens que procuram definir e entender as características convergentes da “juventude” como categoria social, para a qual a perspectiva de Manheim (1952) é um dos exemplos pioneiros; ora enfatizando características divergentes que configuram diversas “juventudes” como grupos culturais autônomos, rejeitando, por isso, a existência de uma “juventude” no singular (cf., entre outros, Schehr, 2000). Num caso valorizam-se elementos cristalizadores, que estabelecem traços comuns na “juventude”; em outro, realçam-se fatores discriminantes que provocam clivagens internas nesse universo geracional.

A essas duas perspectivas acrescentar-se-ia uma terceira, que agrega estudos e reflexões sobre o modo como se sai da condição juvenil. Além disso, o “problema” das transições para a vida adulta tornou-se uma das

2. Conduzido de 2001 a 2004 e apoiado pela Comunidade Europeia (Programa Improving the Socio-economic Knowledge Base), esse projeto procurou articular as áreas da pesquisa e da política social. No aspecto teórico, valorizou, em termos problemáticos, as transições dos jovens da escola para a idade adulta (incluindo extensões para as transições para o emprego, a falência em larga escala das indústrias tradicionais, as elevadas taxas de mobilidade residencial, a diversificação dos estilos de vida por gênero e as crescentes exigências de educação mais formalizada), em diferentes contextos de apoio estatal e familiar.

maiores preocupações de pesquisadores e agentes políticos confrontados com processos sociais de transformação que afetam o mercado de trabalho, o sistema de ensino e as dinâmicas familiares. Na verdade, como os jovens tendem a prolongar a estadia na casa dos pais, adiam a assunção plena do estatuto de adulto (estatuto, não identidade), quando ancorados a passagens estatutárias tradicionais (casamento e parentalidade, por exemplo) ou na adoção de comportamentos “adultos” socialmente prescritos. Assim, surgem questões como: O que é novo em ser jovem hoje? Como são as trajetórias biográficas construídas e as transições juvenis geridas? Como pode ser interpretado o adiamento das transições familiares (abandono da família de origem e constituição de novas famílias)?

Várias são as hipóteses de resposta, com recurso a uma multiplicidade de imagens e metáforas. Há os que sustentam a idéia do “prolongamento da juventude” como fase de vida (cf. Wallace e Kovatcheva, 1998), ou os que tomam os jovens contemporâneos como uma “geração suspensa”. Galland (1997), por exemplo, considera um determinado conjunto de acontecimentos ou passagens marcos do fim da juventude: emprego em período integral, conjugalidade, parentalidade e constituição de unidades residenciais autônomas da família. De sua perspectiva, registrou-se uma progressiva dessincronização dessas passagens, conduzindo ao já referido prolongamento da juventude, num *continuum de passerelles* que combina transições ocorridas na esfera pública da vida (da escola para o trabalho) e na privada (da casa dos pais para a conjugalidade). A juventude é, nessa construção sociológica, uma categoria social cujas práticas e atitudes são estruturadas por um efeito cronológico de idade, apesar de distinções de gênero, de classe social e outras.

A idéia do “prolongamento da juventude”, freqüentemente associada às “dificuldades de transição”, está ancorada a dois pressupostos ainda por provar: o primeiro parte do princípio de que os jovens querem ser adultos a qualquer custo; o segundo desprende-se da premissa de que, para uma dada faixa etária, essa transição pode ser objetivada em eventos identificáveis (cf. Singly, 2000, p. 9). Em qualquer dos casos, perspectivas homogeneizadoras esbarram num cenário de acentuada singularização de trajetórias, atitudes e comportamentos juvenis, enfraquecendo, conseqüentemente, as fronteiras simbólicas da juventude como grupo específico (cf. Schehr, 2000, p. 49). Por outro lado, o paradigma do prolongamento da juventude é igualmente posto em causa quando, ao referir-se à *transição* para a vida adulta, negligencia as múltiplas *transições*, concomitantes ou não, que

podem desenvolver-se em diferentes tempos e profundamente implicadas no contexto das biografias individuais (cf. EGRIS, 2001).

Outros autores, no entanto, têm dado especial atenção à fragmentação das trajetórias, reconhecendo, na potencial reversibilidade de algumas escolhas e percursos de vida, uma tendência característica de algumas trajetórias juvenis na Europa: a “geração ioiô” é uma das metáforas utilizadas para ilustrar os processos de ida e vinda entre o sistema educativo e o mercado de trabalho, entre viver em casa própria e na casa dos pais, ou ainda entre a conjugalidade e a vida de solteiro/a (cf. Pais, 1995; Peters e Du Bois-Reymond, 1996). Apesar de as mudanças sociais e econômicas afetarem, de alguma forma, todos os grupos sociais, as novas gerações têm sido confrontadas de um modo particular com a erosão de certos marcos de referência, até aí relativamente estáveis, no que se refere aos mecanismos de socialização e transição para a vida adulta. Para além de se terem reforçado os processos de singularização biográfica, as transformações no mercado de trabalho (flexibilização e precarização) e nas estruturas familiares (pluralização das formas de organização familiar) enfraqueceram as referências culturais que serviam de fio condutor biográfico às trajetórias individuais. Esse fato teria pressionado os jovens a fazerem um uso “ativo” de sua agência individual para inventar novos caminhos, criar novos estilos de vida, compor novas identidades, numa multiplicidade de opções – disponíveis ou inventadas (cf. Schehr, 2000, p. 50).

Algumas pesquisas apontam para o fato de um número significativo de jovens serem socializados na crença da “opção”, adotando “a liberdade de escolha” como uma ética de vida (cf. Rudd e Evans, 1998; Pappámikail, 2004). O conceito de “biografias de escolha”, por oposição ao de “biografias normais”, encaixa-se nessa perspectiva por essas biografias “estarem determinadas por um paradoxo típico na vida moderna: embora as sociedades ofereçam mais opções de escolha, os indivíduos contemporâneos são forçados a refletir sobre as opções disponíveis e a justificar suas decisões” (Du Bois-Reymond, 1998, p. 68).

A ênfase na agência individual³, no processo de desenhar os percursos, não deveria implicar, contudo, um negligenciamento do peso que as estruturas econômicas, sociais e culturais têm nas trajetórias juvenis, embora alguns acreditem que as escolhas enfatizam a individualidade a ponto de ultrapassar as segmentações sociais, como as de gênero ou classe social (cf. Roberts e Parsell, 1994). Também há limites nas constrangedoras sociedades centradas no indivíduo: embora a difusão do desejo de aceder à indivi-

3. Entendida como “um processo temporal de ação social em que os hábitos e as rotinas passados são contextualizados, e as possibilidades futuras são emolduradas no quadro das contingências do presente” (Evans, 2002, p. 248).

dualidade (feita de escolhas, auto-realização, autonomia e autenticidade) se tenha generalizado, as efetivas condições de possibilidade de concretização desse desejo encontram-se desigualmente distribuídas (cf. Singly, 2000, p 18; Furlong e Cartmel, 1997).

4. Os artigos publicados no *Journal of Youth Studies*, desde a sua primeira publicação em 1998, espelham a multiplicidade desses quadros analíticos.

De fato, agência e estrutura, ou o modo como ambas se articulam nas sociedades ocidentais contemporâneas, têm estado no centro das pesquisas e dos debates teóricos sobre as transições para a vida adulta na Europa. Vários quadros analíticos⁴ têm enfrentado essa questão, inclinando-se ora para o lado do peso das estruturas, ora para o lado da agência individual. Rudd e Evans (1998), por exemplo, sugerem que as trajetórias juvenis deveriam ser analisadas pela perspectiva da individualização estruturada, reconhecendo que, ainda que muita coisa dependa do indivíduo, as estruturas econômicas e sociais, mesmo que em novas modalidades, continuam desempenhando um papel importante. Raffo e Reeves (2002) preferem seguir a tradição conceitual de Bourdieu (1972) e, recuperando a noção de capital social proposta por Coleman (1988), combinam agência e estrutura em sistemas individualizados de capital social. Esses sistemas – que tanto libertam como constroem as ações individuais – corresponderiam a redes ou constelações dinâmicas de relações sociais fornecendo, no caso dos jovens, oportunidades de aprendizagem cotidiana (cf. Raffo e Reeves, 2002, p. 148). James Côté (2002) propõe um modelo de capital identitário para entender o impacto de fatores estruturais nas transições individuais. Tal modelo é baseado no postulado de que certos recursos pessoais são importantes nas estratégias de ação e nos projetos de vida, possibilitando retirar vantagens ou compensar vazios ou déficits institucionais da modernidade mediante “investimentos identitários” no decurso dos processos de individuação.

Wyn e Dwyer (1999) apontam algumas fraquezas nessas perspectivas teóricas, sobretudo quando tendem a generalizar conclusões com base em amostras limitadas a jovens relativamente “bem-sucedidos”, o que pode fornecer um retrato enganador das efetivas capacidades da maioria dos jovens de lidar com os desafios – que em alguns casos são ameaças – decorrentes do risco e da contingência (cf. *Idem*, p. 19). Por outro lado, os próprios jovens reportam suas vidas como resultado de complexas combinações de recursos, diferentes graus de agência e de oportunidades, emaranhadas transições, complexas e interconectadas, freqüentemente envolvendo falsas partidas e revezes, exigindo recorrentes negociações e redefinição de possibilidades (cf. *Idem*, 1999; Pais, 2001). Se o conceito de trajetória se enclausura em visões e lógicas temporais marcadas por linearidades (antes,

agora e depois), como podemos dar conta de vidas juvenis que são impressas em estruturas sociais cada vez mais labirínticas? Apesar de mais difíceis de apreender, os desalinhamentos da vida são sociologicamente tão importantes quanto seus alinhamentos, e as rupturas tão relevantes quanto as conexões (cf. Pais, 2003, p. 120).

As sociedades contemporâneas são demasiado diferenciadas e policontextuais (cf. Lahire, 1998) que as experiências de transição dos jovens devem ser compreendidas a partir de suas múltiplas filiações identitárias, que correspondem à necessidade que têm de gerir quotidianamente pertenças e participações numa multiplicidade de mundos sociais (cf. Schehr, 2000, p. 52). A singularização das experiências de vida juvenis remete, assim, à especificidade dos contextos e às múltiplas oportunidades que estes favorecem. Os indicadores do modo como os jovens constroem e gerem as relações e as pertenças sociais apontam para a experimentação, a atitude comunicacional e a importância atribuída às sociabilidades e aos encontros. Suas trajetórias e identidades podem, assim, ultrapassar os papéis sociais prescritos. As sociabilidades entrelaçam experiências e contextos no tecido das relações sociais em que se enfileiram os fios condutores biográficos (cf. *Idem*).

Análise tipológica das transições: diversidades

O projeto Famílias e Transições na Europa combina abordagens quantitativas e qualitativas na exploração das experiências de transição relacionadas com educação e trabalho, entrada no mercado de trabalho, situação residencial, relações intergeracionais, apoio familiar e estatal e planos de futuro. Uma pesquisa com base em questionário foi aplicada a 1929 jovens distribuídos pelo Reino Unido, Alemanha (dividida em leste e oeste), Portugal, Espanha, Itália, Holanda, Dinamarca e Bulgária. A amostra foi construída a partir de ciclos terminais do sistema de ensino (dividido em obrigatório, secundário, vocacional e superior). As idades dos inquiridos variaram entre os 16 e 34 anos, embora a maioria se concentrasse no escalão entre 18 e 23 anos. A partir dessa mesma amostra, foram realizadas entrevistas em profundidade, entre seis meses e um ano depois da pesquisa com questionário: 376 jovens e 219 dos seus pais foram entrevistados.

Uma análise dos dados da pesquisa com questionário, recorrendo ao programa SPAD (Statistique pour le Analyse de Données), deu origem a cinco grupos consistentes após uma análise classificatória hierárquica, baseada em análises fatoriais de correspondências múltiplas, envolvendo as

5. Foram trabalhados dados de 185 questões (num total de 911 opções de resposta) na análise SPAD. Essas variáveis foram estruturadas de acordo com as seguintes dimensões analíticas: variáveis de caracterização, relações familiares, dinheiro, trajetória escolar, autonomização, atitudes perante trabalho e sentimentos de si. Para uma leitura mais aprofundada sobre os resultados dessa pesquisa, consultar Biggart *et al.* (2003).

6. Esses grupos são constituídos a partir de índices de *sobre-representação* que lhes conferem distintividade. O conceito de *sobre-representação* é fundamental nesse tipo de análise e resulta, *grosso modo*, da conjugação do peso estatístico das modalidades de resposta em cada um dos grupos considerados com o peso estatístico de cada grupo considerado relativamente a cada modalidade de resposta.

modalidades de resposta associadas às variáveis de estudo (distribuídas por diferentes dimensões analíticas)⁵. A expectativa era poder encontrar associações – não apenas estatísticas mas principalmente sociológicas – entre os múltiplos indicadores da pesquisa que dão consistência à análise tipológica dos grupos constituídos⁶.

QUADRO 1
Partição dos grupos e nacionalidades sobre-representadas

GRUPOS (% em relação à amostra)	NACIONALIDADES SOBRE-REPRESENTADAS
GRUPO I (22%)	Holanda (38%); Espanha (26%); Reino Unido (21%)
GRUPO II (25%)	Bulgária (52%); Portugal (27%); Espanha (17%)
GRUPO III (16%)	Dinamarca (51%); Reino Unido (29%)
GRUPO IV (12%)	Itália (99%)
GRUPO V (24%)	Alemanha leste (61%); Alemanha oeste (37%)

Embora a amostra do estudo não seja estatisticamente representativa dos países que a integram, constatou-se que em alguns grupos há uma sobre-representação de jovens de determinadas nacionalidades (Quadro 1). É o que acontece, notoriamente, com os jovens italianos e alemães, que praticamente integram grupos autônomos, mas também com dinamarqueses, búlgaros, holandeses e portugueses. Os jovens espanhóis e britânicos tendem a uma dispersão. Vejamos, agora, as características dos grupos, cada um deles tipificando diferentes modelos de transições, orientações atitudinais e perfis juvenis: 1) *autonomia proporcionada por aculturações sociais* (jovens-adultos solteiros, cultos, independentes); 2) *dependência gerada pela tradicionalidade* (jovens temerosos, materialistas, dependentes); 3) *independência precoce mas condicionada* (jovens vivendo como casais, pós-modernos, entravados); 4) *ancoragem tensa à família de origem* (jovens dependentes, controlados, acomodados); 5) *“ética de trabalho” libertadora* (jovens coabitantes, independentes, confiantes).

Autonomia proporcionada por aculturações sociais: jovens-adultos solteiros, cultos, independentes

Neste grupo encontramos uma sobre-representação de jovens da Holanda (38%), da Espanha (26%) e do Reino Unido (21%). A dominância

dos jovens holandeses é de tal ordem que do grupo fazem parte 86% da totalidade dos que foram inquiridos, estando também representados 56% de jovens espanhóis e 44% de britânicos. A principal característica do grupo é ser constituído por uma maioria de jovens (73%) que no momento da pesquisa estavam trabalhando, embora uma parte deles (57%) ainda vivesse com os pais. Mas nem todos trabalham em período integral (apenas 17%): a maioria trabalha meio período, num total de menos de quinze horas por semana (apenas 21% trabalham entre dezesseis e 35 horas semanais).

Quanto às fontes de rendimento, um em cada cinco desses jovens afirma que a totalidade do dinheiro que recebem é proveniente do trabalho. Apesar de socializados para o mundo do trabalho, não é certo que, para esses jovens, o sentido da vida seja dependente do emprego. Ou seja, estamos perante jovens orientados por uma ética de valorização da individualidade e da realização pessoal, e para quem, no trabalho, contam mais as satisfações intrínsecas (tipo de trabalho realizado, disponibilidade de tempo livre etc.) do que seus aspectos extrínsecos ou instrumentais (o dinheiro que se ganha). A declaração de uma jovem holandesa ilustra exemplarmente essa atitude: “Na minha opinião, é importante que eu me divirta. Ter mais dinheiro é bom, claro, mas eu preferiria trabalhar num lugar agradável e receber menos a trabalhar em outro nada simpático que pagasse melhor” (18 anos, sexo feminino, ensino secundário, Holanda).

Na sua vida cotidiana, os jovens deste grupo revelam uma *independência* que se manifesta na forma autônoma como desempenham algumas tarefas pessoais: por exemplo, em cerca de 90% dos casos são eles que (sempre ou quase sempre) preenchem seus documentos (inscrições, impostos etc.), sem recorrer a pessoa alguma, embora não dispensem a ajuda da mãe na lavagem da roupa (em 91% dos casos) e na limpeza da casa (90%). A *autonomia* estende-se também ao domínio dos gastos de consumo. Muitas das despesas (lúdicas ou básicas) são feitas com seu próprio dinheiro; outras, no entanto, são suportadas pelos pais, nomeadamente as que asseguram redes comunicacionais (telefone e internet) ou de circulação (59% contaram com a ajuda dos pais na aquisição da carteira de motorista). Por aqui se vê que o *apoio familiar* também se faz sentir nas *disponibilidades conviviais* que as redes de comunicação e circulação proporcionam. Para a maioria, as taxas escolares também são pagas pelos pais: “Eles pagaram-me todo o tipo de coisas relacionadas com a minha educação e formação. Mas quando chega ao lazer e ao divertimento, nunca me pagaram nada” (29 anos, sexo masculino, ensino secundário, Espanha).

Os jovens deste grupo raramente ou nunca têm problemas ou conflitos com os pais, vivendo um *bom relacionamento familiar*. Quando saem à noite, quase sempre ou sempre os pais sabem onde eles estão, o que pode indicar um relacionamento construído na base da confiança ou da negociação, que está subjacente ao testemunho de uma jovem irlandesa:

Desde os 15 anos que eu queria ir à Kellys (danceteria), mas, com os meus pais, nem pensar que isso fosse acontecer com 15 anos. Já tinha 16 ou 17 quando eles me deixaram ir, mas mesmo assim só podia ser de quinze em quinze dias [...]. Era o suficiente. Eles costumavam dizer: “Nós preferimos que você nos diga a verdade, para que saibamos exatamente onde você está, entende?”. Nessa altura, alguns amigos meus mentiam para os pais e diziam-lhes que [...] iam dormir na casa de alguém quando na verdade iam sair (23 anos, sexo feminino, ensino superior).

São jovens com uma *elevada auto-estima*, entre os quais há também uma sobre-representação dos que, numa escala de 1 (nenhuma liberdade para fazer suas escolhas) a 6 (liberdade total de escolha em relação às suas vidas), se situam próximos do extremo de “muita liberdade” (43% no nível 5 da escala). Carlos é um desses jovens: “Na minha opinião, sou uma pessoa que sabe decidir por si própria, reajo a situações complicadas com as minhas próprias opiniões e sou capaz de estar bem com as pessoas, nos ambientes e comigo próprio” (24 anos, sexo masculino, ensino médio, Espanha).

Outro traço característico do grupo é a sobre-representação de jovens solteiros (87%) e com idades compreendidas entre 21 e 24 anos (54%) e 25 e 29 anos (18%), ao que se associam elevados níveis de escolarização: 36% atingiram o último grau do ensino secundário; 53% dos jovens europeus que atingiram a universidade se encontram neste grupo. Aliás, 60% dizem que suas mães alimentavam (ou alimentam) expectativas de eles poderem concluir estudos universitários.

Em síntese, o grupo caracteriza-se por uma sobre-representação de jovens-adultos com independência econômica e boas disponibilidades conviviais – alguns deles têm um relacionamento preferencial com namorados(as). São jovens que contam com bom *apoio familiar*, em termos quer das *socializações profissionais*, quer das *aculturações sociais*, e os relacionamentos familiares estão isentos de conflitos explícitos. Os capitais culturais que circulam em ambiente familiar criam-lhes também *disponibilidades conviviais*. A independência econômica garante-lhes autonomia financeira.

Todas as características do grupo (socialização profissional, bom relacionamento convivial, independência econômica etc.) convergem para uma elevada *auto-estima e autonomia*.

Dependência gerada pela tradicionalidade: jovens temerosos, materialistas, dependentes

Este grupo é majoritariamente constituído por jovens da Bulgária (52%), Portugal (27%) e Espanha (17%), abarcando 87% da totalidade dos jovens búlgaros inquiridos, 75% dos portugueses e 41% dos espanhóis. Um de seus traços mais característicos é o da *dependência econômica* em relação aos pais. O dinheiro que têm é tão escasso que acabam por recorrer aos pais para enfrentar as despesas mais triviais do universo juvenil⁷. No caso das despesas relacionadas com a carreira escolar, os pais continuam a ser a principal fonte de suporte: são eles que compram os livros (em 79% dos casos, contra 45% quando se considera a totalidade da amostra). Finalmente, e como traço acentuador de *dependência econômica*, há uma sobre-representação de jovens (55%) cuja fonte de rendimentos é exclusivamente a família. Essa dependência pode ser parcialmente explicada por algumas características sociográficas dos jovens em questão: 96% são solteiros e 80% ainda vivem com os pais. Outra variável explicativa é, certamente, a idade predominante dos jovens que constituem o grupo: a maioria (66%) tem entre 17 e 20 anos, o que também contribui para explicar a desvinculação desses jovens do mundo do trabalho; no entanto, essa faixa etária não deixa de ter um peso considerável (47%) no conjunto dos jovens europeus que foram inquiridos, pelo que outras razões – que não apenas as etárias – deverão ser convocadas para a compreensão do comportamento padrão do grupo. A dependência econômica desses jovens em relação aos pais não é apenas uma marca do presente, uma vez que é projetada no futuro, dada a sobre-representação de jovens que afirmam esperar que os seus pais os ajudem no futuro.

Para contornar as dificuldades de inserção profissional, tendem a adotar *estratégias defensivas*, de fuga ao confronto direto com o mercado de trabalho, de refúgio no prolongamento das trajetórias escolares (em consonância com as expectativas de seus pais). Estamos perante jovens que, no contexto europeu, carregam o ônus de uma periferização econômica, bastando lembrar sua origem nacional. Nesses termos, pode-se dizer que os vínculos da *tradicionalidade* (pré-modernidade) são geradores de *depen-*

7. Esse grupo encerra 76% dos jovens europeus que dizem que são os pais que, sempre ou quase sempre, pagam as despesas com danceterias, bares e pubs; 72% pagam idas a cinema, teatro e concertos musicais; 58%, despesas com revistas, livros e jornais; 54%, gastos com celular ou internet (43% afirmam que o celular lhes foi oferecido pelos pais).

dência. Ameaçados pelo futuro, esses jovens se refugiam na *família*, temerosos em *relação* ao *desemprego*: “Sempre me apoiaram com dinheiro e outras coisas, protegeram-me com tudo isso” (19 anos, sexo feminino, ensino secundário, Bulgária).

Embora sujeitos a socializações intergeracionais (familiares) orientadas por valores da “pré-modernidade”, esses jovens não deixam de estar expostos a socializações complementares (intrageneracionais) que tipificam um modo de ser jovem na contemporaneidade. Essas socializações divergentes – ora por meio de *transmissões verticais* (de pais para filhos), ora por intermédio de *transmissões horizontais* (entre os jovens) – são potencialmente conflituosas. Por um lado, surge a necessidade de dinheiro para se integrem no mercado juvenil de consumo que é próprio da contemporaneidade; mas, porque se encontram economicamente dependentes da família, não raro surgem problemas ou tensões familiares a propósito dos usos do dinheiro, como explica Fernando:

Eu discuto sobre dinheiro principalmente com o meu pai. Ele está sempre reclamando, dizendo que um dia vai ao banco ver como está a minha conta, que saio todas as noites [...]. Ele quer que eu me prepare para a vida, que avance, que poupe. E eu ainda não tenho esse pensamento [...]. Quer dizer, qualquer dia chego aos 30 e só depois é que posso começar a gastar! [...] (20 anos, sexo masculino, ensino secundário, Portugal).

As tensões familiares não se traduzem, necessariamente, em rejeição absoluta dos valores que as originam. Os valores que lhes são inculcados pelos familiares, mesmo que negados (em um dado nível), podem ser recuperados (em outro nível). Por exemplo, os valores “materialistas” (cf. Inglehart, 1977, 1990; Stoetzel, 1983) que os pais defendem, e que, eventualmente, determinarão uma discordância em relação às despesas lúdicas por parte dos jovens, deixarão marcas na consciência destes quando, por exemplo, nas questões relacionadas com o emprego, tenderem a valorizar um trabalho que dê sobretudo dinheiro em detrimento do tempo livre ou da realização profissional. É que eles aprenderam com os pais – mesmo a contragosto – a dar importância ao dinheiro. Esse “materialismo” em relação ao emprego – o que conta é o dinheiro – é também induzido por uma *dramatização do desemprego*, expressa nos seguintes indicadores: “uma pessoa tem de ter um emprego para se sentir um verdadeiro membro da sociedade”; “ter qualquer tipo de emprego é melhor do que estar desempregado” etc.

É nesse quadro de *temor perante o desemprego* que se desenha uma estratégia familiar (envolvendo jovens e respectivos pais) de enfrentamento ao futuro: a *aposta na escolarização*. As expectativas em atingir um grau universitário são elevadas e podem também ser induzidas pela consciência de um *handicap cultural* dos pais e mães desses jovens, dadas suas fracas habilitações escolares. Como no caso da família do Paco, quando o pai insistiu para que ele fosse para a universidade:

No que diz respeito aos meus estudos, acho que tive muita sorte. Meu pai disse-me que ele pagaria a universidade sem problemas. [...] Ele insistiu muito, dizendo: “Estude agora, que você pode trabalhar mais tarde” (23 anos, sexo masculino, ensino secundário, Espanha).

Mas também nesse caso o investimento na educação – que corresponde a uma *estratégia defensiva contra o desemprego* e de *mobilidade social* – não parece isento de conflitos, especialmente quando os “sacrifícios” financeiros que o prolongamento das trajetórias escolares implicam não têm resposta satisfatória. Surgem então problemas relacionados com o aproveitamento escolar (notas, reprovações etc.) como efeito perverso de quem procura creditação escolar sem ter a certeza de retorno dos sacrifícios que tal investimento implica.

Independência precoce mas condicionada: jovens vivendo como casais, pós-modernos, entravados

Neste grupo encontramos a quase-totalidade de jovens dinamarqueses inquiridos (84%) e quase metade dos britânicos (43%). Um de seus traços essenciais é a independência econômica. Mesmo as despesas da casa (renda, água, eletricidade etc.) são majoritariamente pagas (em 53% dos casos) com dinheiro próprio, havendo ainda 40% deles que custeiam as despesas de alojamento (recorde-se que apenas 17% dos jovens europeus inquiridos pagam esse tipo de despesa com dinheiro próprio). Outra característica do grupo é a sobre-representação dos que já abandonaram a casa dos pais (47%).

Não se pode dizer que a ajuda da família não conta para esses jovens, uma vez que 70% deles admitem que os familiares (não apenas os pais) poderão vir a ter muita ou razoável importância no futuro. No entanto, trata-se de um apoio circunscrito, como quando procuram emprego. O

8. No grupo há uma sobre-representação de jovens que não esperam que os pais os ajudem a adquirir carteira de motorista ou celular, e muito menos a comprar um carro, motocicleta ou casa. Cerca de um em cada quatro desses jovens adquiriu casa ou apartamento com dinheiro próprio.

mesmo não se pode dizer em relação às ajudas propriamente materiais, em que é notória a *falta de apoio familiar* para alguns deles⁸. Essa situação é ilustrada com o caso de Hans:

Bem, se eu lhes pedisse dinheiro, provavelmente me dariam algum. Mas [...] eu sempre fui um bocado esbanjador. Meu consumo médio sempre foi enorme, porque sempre tive dinheiro, porque sempre tive algum tipo de trabalho. Meus pais dizem que se eu posso ir à cidade e comprar computadores e telefones caros, então também posso pôr comida na mesa (26 anos, sexo masculino, ensino superior, Dinamarca).

As famílias de alguns desses jovens podem ter vivido tensões endógenas, dada a sobre-representação daqueles cujos pais se divorciaram ou separaram: 31%, contra 13% do total da amostra. O desprendimento relacional entre jovens e pais não é separável dos indicadores de autonomia manifestada por esses jovens: cerca de 22% deles começaram a ter uma vida conjugal (ou planejam vir a tê-la) com 20 anos ou menos (19% entre 21 e 23 anos). Aliás, 44% da totalidade dos jovens europeus inquiridos com o estatuto conjugal de casados caíram nesse grupo, em que há ainda uma sobre-representação de jovens vivendo em coabitação (24%). Outro resultado do envolvimento conjugal são os filhos: nesse grupo estão 52% da totalidade dos jovens europeus inquiridos que possuem filhos – o que também se compreende atendendo à sobre-representação de “jovens-adultos” presentes nesse grupo: 7% têm 30 ou mais anos (correspondendo a 38% do total dos jovens europeus inquiridos com essa idade) e 20% têm de 25 a 29 anos (23% do total da amostra).

A autonomia em relação aos pais também é favorecida pelos *apoios estatais*: nesse grupo encontramos 47% da totalidade dos jovens europeus inquiridos que dizem não ter despesas com livros ou material escolar porque o Estado os paga, e há também uma sobre-representação dos que afirmam que o Estado paga as taxas, o alojamento, os livros e o transporte para a escola. É o caso de Roland: “As taxas escolares eram pagas e recebíamos dinheiro para o dia-a-dia – recebíamos 35 libras à época [...]. Talvez naquele momento nós quiséssemos mais dinheiro, mas, olhando para trás agora, parece-me adequado” (25 anos, sexo masculino, ensino secundário, Reino Unido).

Para a maioria dos jovens que integram o grupo (82%), as trajetórias escolares ficaram aquém do ciclo terminal do ensino secundário. Em consequência, quase ninguém chegou à universidade (1%). Os pais também não acalentam (ou acalentaram) grandes aspirações em relação à formação

de seus filhos: os horizontes de qualificação chegam ao ensino secundário ou a uma formação profissional e, em alguns casos, os jovens desconhecem as expectativas dos pais em relação à sua formação.

Em síntese, diríamos que os jovens desse grupo possuem uma *independência precoce* mas *condicionada*. Boa parte deles vivendo como casais e com tendência a abandonar cedo a casa dos pais – dos quais não têm grande apoio –, gozam de amplas margens de autonomia. No entanto, trata-se de uma *autonomia precária*, que os obriga a recorrer a subsídios estatais para melhorar sua formação profissional (muitos deles já trabalharam) e agilizar uma melhor colocação no mercado de trabalho. Alinham-se em posições “*pós-materialistas*” em relação ao trabalho e ao emprego, uma vez que consideram que “uma pessoa consegue realizar-se na vida mesmo sem um emprego” e que os desempregados devem ser considerados cidadãos como quaisquer outros. Os aspectos remuneratórios do trabalho são desvalorizados em relação a outros, como se depreende do testemunho de Emil, um *designer* dinamarquês: “Todos queremos um emprego, e isso não é tanto uma questão de dinheiro, mas mais de identidade” (27 anos, sexo masculino, ensino superior, Dinamarca).

Os posicionamentos “*pós-materialistas*” não se limitam à esfera do trabalho, estendendo-se ao domínio da família. Assim, quando questionados sobre a divisão das tarefas domésticas, propendem à adesão a formas igualitárias, com base em um modelo de *casamento relacional*⁹, em que predominam relações de simetria entre os parceiros. No entanto, para alguns desses jovens, a constelação de valores que abraçam, muito ligados à independência, entra em dissintonia com suas reais situações de vida. Sentem-se *entrapados*, com uma autonomia atrofiada ou *condicionada*, o que origina um sentimento de *perda de liberdade* de escolha e uma *queda da auto-estima*. Por isso, sua *independência (precoce)* encontra-se condicionada.

A ancoragem tensa à família de origem: jovens dependentes, controlados, acomodados

Esse grupo é constituído exclusivamente por jovens italianos (97% dos que foram inquiridos). São solteiros e sem filhos (100%), e a maioria (88%) ainda vive na casa dos pais, o que, em parte, se pode explicar pela sobre-representação de jovens com idades entre 17 e 20 anos (62%)¹⁰. Economicamente, encontram-se numa situação de *dependência*: 52% apontam a família como única fonte de receitas, embora 15% se refiram às que provêm integralmente de trabalho remunerado (24% trabalhavam no mo-

9. Ver, em particular, Singly (1993) e Kaufman (1993).

10. Alguns dos resultados quantitativos apresentados que dizem respeito aos jovens italianos foram influenciados, em grande medida, pelos procedimentos de composição da amostra, uma vez que dela fizeram parte muitos jovens oriundos de escolas profissionais. De um modo geral, na Itália, esse tipo de formação vocacional é mais procurado por jovens menos favorecidos e, por isso, essas instituições gozam de menos prestígio. Na segunda fase da pesquisa, a análise qualitativa procurou compensar esse desvio, recorrendo com mais frequência a jovens mais qualificados. Semelhanças entre as duas fontes de dados foram encontradas, sobretudo quanto às atitudes, como demonstram as citações selecionadas.

mento em que foram inquiridos). Nesses termos, não espanta que 96% dos jovens desse grupo declarem não dar nenhuma contribuição monetária a seus pais.

A dependência econômica em relação à família de origem é de tal ordem que, mesmo nas projeções do futuro, uma significativa porcentagem deles conta com seu apoio, sobretudo para a compra de casa/apartamento (51%) ou de carro/motocicleta (32%). A existência de uma retaguarda familiar protetora não significa que esses jovens e suas famílias vivam em situação de desafogo econômico, muito pelo contrário. Sobressaem famílias numerosas, aparentemente com dificuldades econômicas: são jovens que têm muitos irmãos, que trabalham, estudam ou estão desempregados (76% dizem ter dois irmãos desempregados).

O certo é que esses jovens esperam poder *prolongar a sua permanência na casa dos pais* e consideram que, o que para eles é normal – o prolongamento da estadia em casa dos pais (cf. Santoro, 2000) –, é também ideal para outros jovens que vivem em circunstâncias semelhantes. De fato, no grupo há uma sobre-representação dos que acham que a idade ideal para um jovem sair da casa dos pais é entre 24 e 26 anos (50%) ou mesmo acima de 27 anos (14%). Paralelamente, a maioria (51%) pensa em abandonar a casa dos pais entre 24 e 26 anos e 22% com 27 ou mais. Aliás, 43% dos jovens desse grupo não pensam em ter filhos antes dos 27 anos. Na opinião de Aldo, a juventude italiana em geral é “mimada”:

O problema é que somos mimados, deve ser uma coisa cultural, não sei. Eu conheço pessoas que deixaram o seu país para estudar e que são independentes financeiramente [...]. Mas eu, ao contrário, pensei para mim: “Como estou estudando, vou continuar vivendo em casa!”. É a opção mais fácil (32 anos, sexo masculino, ensino superior, Itália).

Tudo indica estarmos perante jovens cujo futuro não lhes parece muito promissor e cujas famílias, também por razões culturais, exercerão uma função protetora, apesar das dificuldades econômicas em que vivem. Os problemas de inserção profissional implicarão, para muitos deles, uma *ancoragem ao reduto familiar*. O futuro é temido, como explica Marco, um jovem italiano que faz curso de formação profissional:

Eu não penso no futuro, porque me assusta [...]. Muito francamente, nunca pensei nisso, até porque vivo dia a dia. [...] Claro, eu gostava de ter a minha família, quer

dizer, eu quero ter a minha família, mas nas circunstâncias atuais não só não penso como não quero pensar nisso (21 anos, sexo masculino, ensino secundário, Itália).

No entanto, essa coabitação familiar, como se sugeriu, não é isenta de conflitos, que parecem resultar de descontinuidades culturais de natureza geracional. Quer dizer, os valores que caracterizam a geração dos pais não estão em sintonia com os que orientam algumas atitudes de vida desses jovens: daí as fricções derivadas dos amigos e namorados(as) que têm, do estilo e da imagem que portam, das regras que os pais lhes impõem e que não são muito aceites. Os jovens desse grupo parecem querer libertar-se de uma matriz cultural rígida que os enreda em uma malha de prescrições normativas de que seus pais não dão mostras de querer abdicar¹¹.

Em suma, o grupo caracteriza-se por envolver jovens *ancorados à família de origem*, com uma notória tendência a *prolongar a estadia na casa dos pais*, com os quais podem surgir alguns *conflitos*. Em meio a isso, encontram-se fatores como a dependência econômica da família e o *rígido controle parental*, principalmente sobre as saídas noturnas, abarcando também problemas relacionados com o consumo, o dinheiro que recebem (ou não) dos pais e o lazer. Estamos seguramente perante jovens que transitam entre dois mundos: o dos pais, marcado por valores de tradicionalidade, e o dos amigos, orientado por valores hedonistas. Os primeiros são tomados como referência quando os jovens encaram sua vida profissional: aí se retraem, se mostram céticos em relação à escola, temerosos em relação ao emprego, materialistas nas atitudes perante o trabalho e o emprego. A tendência que então surge é a de se refugiarem na família: embora controlados, acomodam-se à dependência, vivendo sob uma espécie de protecionismo familiar. Apesar dos conflitos, os pais financiam os consumos e, em casa, eles contam sempre com a mãe para o desempenho das tarefas domésticas, nas quais pouco colaboram.

Ética de trabalho libertadora: jovens coabitantes, independentes, confiantes

A quase-totalidade dos jovens deste grupo (98%) é da Alemanha: 61% da parte leste e 37% da parte oeste. Poucos são os jovens alemães que não fazem parte desse grupo: apenas 6% dos inquiridos na parte oriental e 10% na parte ocidental. Uma importante característica que singulariza o grupo é a elevada percentagem de jovens (46%) que, quando questionados sobre seu estatuto conjugal, se consideraram em regi-

11. Isso é coerente com o fato de a maioria dos pais desses jovens não ter mais do que a instrução primária (57% das mães e 54% dos pais). A análise qualitativa, por seu turno, veio sublinhar baixos níveis de conflitualidade na família, o que, até certo ponto, contradiz esse retrato de tensão familiar. No entanto, uma análise mais detalhada indica que essa ausência de conflito diz respeito a um grupo com características sociais diversas do inicialmente analisado (ver nota 10).

me de coabitação. Dos jovens europeus que coabitam, 60% fazem parte desse grupo, cujo peso estatístico, no total da amostra, não chega à quarta parte. Serão todos esses jovens verdadeiramente coabitantes? A resposta será positiva para a maioria deles, dado que 36% já não vivem com os pais. No entanto, para outros, também é possível que estejamos diante de uma modalidade de interpretação – necessariamente cultural – da questão que lhes foi colocada: “Qual é a sua situação conjugal?”. As possibilidades de resposta eram: solteiro(a), casado(a), vivo com companheiro(a) ou divorciado/separado(a). Não estando ainda casados, mas provavelmente não querendo assumir o estatuto de solteiros, alguns desses jovens poderão ter optado por escolher o estatuto de coabitante, ainda que, na realidade, eventual ou esporádico.

No grupo há uma sobre-representação de jovens que afirmam que ambos os pais trabalham e, simultaneamente, cuidam da família – o que indica uma relativa simetria na divisão das tarefas conjugais¹². Outra característica dos jovens desse grupo é sua *independência econômica*. De fato, há uma sobre-representação dos que dizem ser eles próprios a pagar, com seu dinheiro, as despesas com o percurso escolar. O apoio dos pais não é, todavia, descurado, já que 28% afirmam que foi com a ajuda deles que conseguiram comprar casa ou apartamento e 38% conseguiram seu carro ou motocicleta. Entre os jovens desse grupo predominam os que já tiveram experiências profissionais (79% já trabalharam no passado), mas não necessariamente com horários rígidos. No momento em que foram inquiridos, quase ninguém trabalhava em período integral (98%) e 64% não tinha nenhuma atividade profissional. De onde, então, vem o dinheiro? Em 81% dos casos, essencialmente de subsídios de formação, bolsas de estudo ou outros subsídios estatais¹³.

Os relacionamentos familiares enquadram-se em redes de interajuda, nas quais os presentes circulam normalmente de pais para filhos e vice-versa, num clima de *bom relacionamento*. Apesar de a análise qualitativa ter revelado a existência de alguma conflituosidade dissimulada ou harmonia forçada em famílias alemãs, muitos entrevistados, como Jana, sustentaram que:

Nós não temos de fato problemas na nossa família. Não tenho problemas com o meu pai, a minha mãe ou a minha irmã, avós. É tudo ótimo. A única coisa é que o meu pai está desempregado já faz cinco anos (22 anos, sexo feminino, ensino secundário, Alemanha leste).

12. Essas percentagens não constituem uma radical inversão da tradicional distribuição das tarefas domésticas, que penalizam as mulheres, mas apenas uma predisposição opinativa a uma democratização da distribuição dos papéis conjugais.

13. De fato, os “aprendizes” no Sistema Dual, muito comum na Alemanha, recebem um subsídio que aumenta do primeiro para o terceiro ano. Apenas a título de exemplo, em aprendizados estatais (não sediados em empresas), esse subsídio é fixado em 390 euros (cf. Stauber *et al.*, 2004, p. 29).

O abandono da casa dos pais parece depender de uma opção individual. Ao realizar esse movimento, há uma percentagem considerável de jovens (49%) que admitem poder viver em outra cidade do país, expectativa de mobilidade que poderá ser interpretada no quadro dos fluxos migracionais que a unificação da Alemanha favoreceu.

As qualificações académicas desses jovens são razoáveis. A quase-totalidade (99%) terminou o primeiro ciclo do ensino secundário, 41% concluíram o último ciclo do mesmo grau de ensino e 17% atingiram o nível universitário. Para muitos deles, a aposta parece centrar-se na formação profissional, se atentarmos para a sobre-representação das expectativas de mães e pais que apontam para esse tipo de formação. Por vezes, a rigidez institucional do Sistema Dual (experiência profissional adquirida *in loco*, articulada com alguma aprendizagem escolar), combinada com a pressão parental para integrar a formação profissionalizante, não corre particularmente bem, como nos dá conta Ana:

Meus pais disseram simplesmente “Vai e completa [a formação]!”. Originalmente, eu não queria fazer isso. Só continuei porque [...] uma pessoa ouve o que os pais dizem. [...] E, olhando para trás, eu penso: “Por que é que eu não ouvi a minha voz interior?” Porque, assim, eu teria desistido e teria sido reorientada e talvez estivesse no curso certo agora. [...] Porque nesses dois anos, na verdade foram três, [...] eu creio que perdi uma quantidade louca de tempo (21 anos, sexo feminino, ensino secundário, Alemanha leste).

Relativamente *otimistas* em relação ao futuro, 59% têm boas perspectivas habitacionais e 48% boas perspectivas profissionais. Aliás, no grupo há uma sobre-representação (44%) dos que acreditam que não terão dificuldades em arranjar emprego depois de terminarem a escolaridade ou o curso. Esse fato parece estar relacionado com uma vantagem reconhecida do Sistema Dual, que tem permitido à Alemanha manter taxas de desemprego juvenil relativamente baixas (por contraste com as elevadíssimas taxas de desemprego de longa duração).

Finalmente, quanto às origens sociais desses jovens, ressalta a heterogeneidade. As qualificações académicas dos pais são diversificadas. Quanto ao *status* social, há uma sobre-representação da burguesia dirigente (10% no caso das mães e 19% no dos pais) e ainda, em relação às mães, 39% situam-se na pequena burguesia.

Em síntese, estamos perante jovens que experienciam a *coabitação con-*

jugal, mesmo quando ainda vivem em casa dos pais, embora muitos deles já se tenham desprendido da família de origem. Encontram-se orientados por uma “ética de trabalho” fortemente associada à valorização da independência. Os pais contribuíram para a formação desse ideário de vida, dada a sobre-representação dos que apostam na *formação profissional*. Eles próprios acreditam que as qualificações são determinantes na obtenção de emprego. Têm bons relacionamentos familiares e sociais, tudo convergindo para a *auto-estima*, a *confiança*, o desenvolvimento de um *sentimento de liberdade*.

Jovens europeus: contrastes e oposições

Embora a amostra do estudo não seja representativa dos países que a integram, verificamos existir, em alguns grupos analisados, uma sobre-representação de jovens partilhando a mesma nacionalidade, nomeadamente no que respeita aos jovens italianos e alemães (mas também dinamarqueses, búlgaros e holandeses). Na base da amostra considerada, notamos também diferentes fases de transição para a vida adulta, que refletem os contextos nacionais dos entrevistados. Por exemplo, em relação às idades ideais para um jovem sair da casa dos pais ou para casar-se (ou viver com companheiro/a), é clara a oposição entre os grupos I, II e IV e os grupos III e V (Quadro 2). Entre os jovens inquiridos na Alemanha (mas também na Dinamarca e alguns no Reino Unido), é clara a tendência para se desprenderem mais cedo da casa dos pais. Em contrapartida, há uma sobre-representação de jovens italianos, búlgaros, portugueses, holandeses, espanhóis e alguns britânicos que tendem a considerar normal (e ideal) o prolongamento da estadia na casa dos pais – quer em termos gerais, quer no caso próprio. Aliás, no caso dos jovens sobre-representados nos grupos I e IV, há mesmo uma tendência, embora por motivos diversos, para o adiamento da paternidade.

Mas muitas outras variáveis originam importantes segmentações entre os jovens inquiridos. Tenha-se em conta, para efeito, o resultado de algumas análises fatoriais de correspondências múltiplas que tivemos oportunidade de realizar¹⁴. A própria composição das amostras obtidas em cada país é indutora de diferentes perfis juvenis que se associam, de forma diferenciada, às modalidades de resposta consideradas. Vejamos o que se passa quando se tomam as *variáveis de caracterização* da amostra em conjugação com aquelas que diretamente se prendem às *situações e às transições*

14. Decidiu-se não recorrer às representações gráficas dessas análises fatoriais para não sobrecarregar o texto. Com efeito, dada a quantidade enorme de variáveis e modalidades de resposta contempladas, são múltiplos os modelos fatoriais em análise e o adensamento da informação nos gráficos obriga a uma constante recorrência a *zooms*.

dos jovens. Tomando uma partição de quatro classes, destacam-se os três principais fatores a seguir.

QUADRO 2

Idades ideais para assumir compromissos importantes e nacionalidades dos jovens que aparecem sobre-representadas nos grupos analisados

GRUPOS	I (22%) HOLANDA ESPANHA REINO UNIDO	II (25%) BULGÁRIA PORTUGAL ESPANHA	III (16%) DINAMARCA REINO UNIDO	IV (12%) ITÁLIA	V (24%) ALEMANHA (LESTE/OESTE)
IDADES IDEAIS					
Para um jovem sair da casa dos pais	27 ou +	21-23; 24-26	17 ou -; 18-20	24-26; 27 ou +	18-20
E no próprio caso...	24-26; 27 ou +	24-26	17 ou -; 18-20	24-26; 27 ou +	18-20; 21-23
Quando espera o(a) próprio(a) casar ou viver com um(a) companheiro(a)	24-26; 27 ou +	sem resposta	20 ou -; 21-23	24-26; 27 ou +	20 ou -; 21-23
Quando espera o(a) próprio(a) ter filhos	27 ou +	sem resposta	sem resposta	27 ou +	21-23; 24-26

O *fator 1* opõe:

- Jovens da Itália e de Portugal, com 17 a 20 anos de idade, solteiros, que vivem com os pais e não trabalham. Tendem a indicar como idade ideal de sair de casa de 24 a 26 anos e, como razões de saída, apontam a obtenção de emprego estável e/ou casamento, tencionando mudar-se para uma vizinhança próxima daquela em que presentemente vivem os pais. Tiveram ajuda ou planejam obter ajuda na aquisição de celular, carro/motocicleta, casa, carteira de motorista. Consideram bastante difícil encontrar emprego e muito importante a influência de outros para consegui-lo, dando importância ao papel das agências de emprego. Frequentemente os pais não possuem mais do que o ensino primário.
- Jovens da Holanda, da Alemanha (leste e oeste) e da Dinamarca. Tendem a ser casados ou viver em união de fato (alguns têm filhos), ter mais de 25 anos de idade e sair da casa dos pais para outra cidade (por razões “práticas”). São independentes monetariamente e compraram o que têm

sem ajudas (com exceção, em alguns casos, da casa). Consideram que não é difícil encontrar emprego e não dão importância ao papel das agências de emprego na procura de trabalho.

O *fator 2* permite desvendar uma oposição entre:

- a) Jovens da Dinamarca com idade inferior a 16 anos, com muitas categorias de não-resposta associadas.
- b) Jovens da Holanda, da Espanha e da Itália, de 21 a 24 anos, que imaginam ir viver sozinhos com idades superiores a 24. Tendem a ser otimistas (relativamente às suas perspectivas pessoais e profissionais) e já trabalham. Dão importância à sorte, à experiência e às qualificações, bem como ao talento e ao esforço para arranjar emprego. Não consideram importante para obter um emprego nem os amigos, nem o sexo a que pertencem. Apresentam opiniões contraditórias quanto à importância da intervenção de outros familiares ou de uma agência de emprego, bem como do local onde vivem, para arranjar emprego.

Finalmente, o *fator 3* identifica uma oposição entre:

- a) Jovens da Bulgária, de 17 a 20 anos, cujos pais têm cursos superiores. Predominam os estudantes, os que não trabalham, os que consideram os estudos muito importantes e os que pensam que os pais têm influência na obtenção de emprego. Como razão para uma mobilidade residencial dentro da mesma cidade, apontam oportunidades de emprego; como razão para mudar de cidade, uma melhor qualidade de vida; e como razão para sair do país, a possibilidade de encontrar melhores escolas. Indicam como idade ideal para sair de casa a faixa etária de 18 a 20 (que corresponde à entrada na universidade). Aparentam algum pessimismo quanto a oportunidades de emprego, mas se consideram mais bem posicionados que a maioria dos jovens de uma forma geral e razoavelmente em termos de projetos pessoais.
- b) Jovens da Itália e da Alemanha leste, de 25 a 29 anos, que trabalham e/ou trabalharam no passado em período integral ou não, que não dão grande importância aos estudos. Consideram que se encontram bem quanto a projetos pessoais e de habitação. Os pais tendem a ter níveis de instrução primária e secundária.

Como se constata, o *fator 1* confronta, claramente, dois modelos com distintas raízes culturais: num modelo *tradicional* (presente em Portugal e na Itália), os capitais culturais (do ponto de vista das qualificações académicas) são reduzidos e os temores em relação ao desemprego são elevados, registrando-se uma forte dependência dos jovens, a ponto de, mesmo ao abandonarem a casa dos pais, eles persistirem em manter-se nas imediações, beneficiando-se de suas ajudas. Claudio, um trabalhador temporário de 20 anos, com formação em contabilidade, testemunha a experiência de jovens italianos que sentem os constrangimentos económicos que os impedem de sair de casa, aumentando, desse modo, a dependência em relação aos pais.

Há demasiadas dificuldades a enfrentar [...] sem um emprego e sem dinheiro, teria mais olhos que barriga [...]. Aos vinte anos, não posso ter expectativas de sair de casa, ganhar 1500 euros e comprar uma casa [...]. É apenas impossível, porque, na prática, não pode acontecer [...]. São demasiadas despesas se uma pessoa não tem um emprego estável (20 anos, sexo masculino, ensino secundário, Itália).

Em contrapartida, num modelo *pós-tradicional* (presente na Holanda, na Alemanha e na Dinamarca), é notório o desprendimento económico em relação à família de origem, para além de uma menor preocupação em relação ao emprego. O centro de gravidade é o indivíduo, como nos mostram as afirmações de Louise e Mark, respectivamente:

A coisa mais importante é que se tenha auto-estima e se acredite no que se está fazendo. Quero dizer, é importante que não se tenham muitas dúvidas [...]. Claro que é importante ter apoio e uma retaguarda e alguma confirmação de quem está à sua volta, da sua rede (26 anos, sexo feminino, ensino secundário, Dinamarca).

Eu diria que, de modo geral, modelei a minha vida. As escolhas profissionais foram minhas. Tomei todas as decisões sozinho, disciplinas no ensino secundário, serviço militar ou cívico, qual universidade e que curso, todas as minhas idéias e decisões. Minha família apenas me disse: “Faça o que quiser e como quiser”. Para minha mãe, qualquer coisa menos padre católico, porque ela queria ter netos! Mas eu peguei tudo com as minhas próprias mãos e em princípio foi o caminho certo (26 anos, sexo masculino, ensino superior, Alemanha oeste).

As raízes culturais desses modelos combinam-se com diferentes etapas de transição associadas à idade: num grupo há predominância de jovens e

solteiros; em outro, de casados e adultos-jovens. Ou seja, a faixa etária interfere também na forma como as transições são desenhadas, pressentidas, projetadas.

O *fator 2* mostra como os mais jovens dos inquiridos (da Dinamarca) não manifestaram grande interesse (ou tiveram dificuldades?) em responder o questionário. Já o *fator 3* coloca em confronto jovens que se opõem sobretudo pela importância dada aos estudos: ela é elevada no caso dos jovens búlgaros – são universitários ou em fase de transição para a universidade (têm entre 17 e 20 anos) –, mas reduzida no caso dos “jovens-adultos” da Itália e da Alemanha (entre 25 e 29 anos). O curioso é que os primeiros se mostram mais pessimistas em relação às oportunidades de emprego – talvez porque sejam mais exigentes ou até, na medida em que seus investimentos na educação são mais avultados, equacionando a possibilidade de os realizar (ou concluir) em outro país, por aí poderem encontrar melhores escolas. Maria, uma universitária búlgara, mostra como, para além de todos os investimentos materiais e afetivos dedicados a ela pelos pais, o valor das qualificações escolares foi central na sua socialização. Sua mãe insistia frequentemente com ela: “Você devia estudar mais, é sua maior responsabilidade”.

Mas é também interessante verificar como as diferentes valorizações da escolaridade têm raízes culturais. Os jovens búlgaros, que são os que mais valorizam os estudos, tendem a ter pais com cursos superiores; os jovens italianos e alemães, que se distinguem por desvalorizam os estudos, tendem a ter pais com baixos níveis de instrução. São dados que, inevitavelmente, nos obrigam a refletir sobre o peso das socializações familiares e sobre o jogo das reproduções sociais.

Para terminar, e retomando a análise global das variáveis trabalhadas na partição de cinco classes, destacam-se os fatores a seguir.

O *fator 4* identifica uma oposição entre:

- a) Jovens da Europa do sul (Portugal, Espanha e Itália) e da Bulgária, com idades compreendidas entre 17 e 20 anos e entre 24 e 26 anos, solteiros e bastante dependentes dos pais (quer monetária, quer afetivamente).
- b) Jovens que já saíram da casa dos pais suportando seus próprios encargos e despesas. Tendem a ter idades superiores a 25 anos e a ser da Dinamarca e da Alemanha (leste e oeste). Apresentam muitas não-respostas.

O principal efeito diferenciador, tendo em conta a totalidade das variáveis selecionadas, é ser ou não independente dos pais. Atente-se aos con-

trastes – em termos de vivências da transição e de dependência da família – nos casos de Leon, um jovem alemão já independente, e de Paulo, um jovem português da mesma idade, ainda na casa dos pais, embora prestes a casar-se:

Eu acho que saí de casa quando tinha 21 anos. Creio que foi numa boa idade, é algo de sólido [...] eu também olho para os meus amigos. Um deles, aos 25 ou... é isso, sim, ele fez 25 agora e ainda vive na casa dos pais. Não sei, eu não conseguiria fazer isso (25 anos, sexo masculino, ensino secundário, Alemanha leste).

Tenho medo de sair da casa dos meus pais... porque lá tenho roupa lavada, comida feita... todas essas coisas [...] dinheiro para academia de ginástica... tudo. Não tenho dificuldade nenhuma. Agora vou para a minha casa, e sei que vou sofrer. Mas eu amo muito a pessoa com quem vou me casar e tenho a vida facilitada, embora ainda não tenha uma carreira. [...] E mesmo depois de casar vou continuar dependente deles. Não devia dizer isso, mas é verdade. Se não fosse assim, nem sequer casava. [...] Foram eles que me compraram a casa [no mesmo bairro que a dos pais] (25 anos, sexo masculino, ensino superior, Portugal).

O *fator 5* identifica uma oposição entre:

- a) Jovens associados a categorias de não-resposta.
- b) Jovens com opiniões muito definidas (seguros quanto a sua imagem e com uma visão muito vincada acerca do emprego e outras questões). Tendem a ter idades compreendidas entre 21 e 24 anos, com presença dominante de holandeses. Alguns já trabalham e tendem a viver sozinhos, assim como a pagar suas próprias despesas. Seus pais apresentam grandes expectativas em relação ao futuro dos filhos.

Nesse caso, o contraste polariza jovens que apresentam uma maior maturidade diante daqueles que revelaram uma taxa superior de não-respostas. Entre os primeiros encontramos jovens como Marieke, uma professora primária de 23 anos, da Holanda¹⁵. Sua biografia é testemunho da firmeza de objetivos e da capacidade de desenvolver estratégias alternativas para atingi-los, nomeadamente quando procurou sair de casa:

Bem, não foi “eu tenho de sair e vou mesmo sair, porque estou farta dos meus pais”. Mas sim achar que era a hora certa. Isso cresce dentro da gente durante um

15. Os jovens holandeses segmentam-se entre os que tendem a prolongar a estadia na casa dos pais (como vimos anteriormente) e os que tipificam uma autonomização de vida.

tempo, não acontece da noite para o dia. [...] Eu me inscrevi para arrendar uma casa há cinco anos [programa de acesso às casas do Estado], mas como demora muito tempo para ser elegível para um apartamento, decidi comprar uma casa.

Conclusão

Em termos conclusivos, diríamos que entre alguns jovens, nomeadamente da Dinamarca, da Holanda e da Alemanha (leste e oeste), o abandono da casa dos pais não aparece necessariamente associado ao casamento, podendo corresponder a uma etapa de experimentação de uma vivência autónoma ou de coabitação. Em contrapartida, entre alguns jovens búlgaros e mediterrânicos (Itália, Espanha e Portugal), nota-se uma tendência ao prolongamento da estadia na casa dos pais, marcadamente condicionada pela obtenção de um emprego estável. A busca de autonomia, nesses casos, é prejudicada pela existência de um sentimento de receio que os leva ao refúgio na família, aí se procurando cobertura para a satisfação de necessidades básicas e de despesas lúdicas características do universo juvenil. As ajudas familiares permitem a esses jovens escamotear as dificuldades de emprego e possibilitam certa integração no mercado de consumo, ainda que condicionada¹⁶ e potencialmente geradora de conflitos familiares, como acontece em maior número com os jovens italianos. Em contraste, entre os jovens alemães, holandeses e dinamarqueses, os ganhos de autonomia não aparecem associados a conflitos ou rupturas de lealdades familiares. Por outro lado, a auto-estima, a confiança e o sentimento de liberdade encontram-se numa correlação estreita com a autodeterminação, representando o trabalho uma fonte importante de identidade e independência. São jovens muito mais libertos da pressão de normas e de exigências sociais que bloqueiam a capacidade de decisão e atuação individuais. Afastam-se, claramente, do modelo familiar que enfatiza o papel masculino como sustentáculo econômico e o papel feminino como o da governação doméstica, modelo que ainda parece imperar entre as famílias de muitos jovens mediterrânicos. Enfim, são jovens mais orientados por uma democratização das relações familiares – só possível porque o *privado* (família) alberga o *político* (democratização); porque os direitos e deveres de cidadania se instalam na “intimidade familiar” (Beck, 1999).

Esse deslocamento da família tradicional (em que o matrimônio aparece como instituição) para uma nova família (caracterizada por uma conjugalidade de tipo relacional) inscreve-se como parte integrante de uma cul-

16. Esse fenômeno tem sido bastante estudado na sociologia da juventude. Ver, a propósito, Galland (2001).

tura juvenil emergente que valoriza a autonomia, a independência, a individualidade. Nessa matriz cultural, a mulher liberta-se das amarras econômicas que a faziam depender do esposo, e suas expectativas de realização e satisfação individuais são incomparavelmente mais elevadas do que nas matrizes culturais tradicionais. Estas, segundo os dados da pesquisa, continuam a comandar a divisão do trabalho sexual em algumas famílias – principalmente no que respeita ao desempenho das tarefas domésticas –, mas não se fizeram sentir de forma muito acentuada quando comparamos jovens dos diferentes sexos. No entanto, entre alguns jovens inquiridos subsiste a convicção de que o gênero é um fator de discriminação no acesso ao mercado de trabalho¹⁷.

Os dados sugerem que o “individualismo” contemporâneo parece ter duas faces distintas, quando se analisam as famílias e as transições dos jovens europeus. De um lado, ele parece traduzir e acentuar uma crescente pluralização de trajetórias, situações e modalidades de transição. Por outro, contudo, na expressão desse individualismo são relevantes os efeitos de proteção familiar que envolvem as “redes de parentesco” (Mortain, 2002, pp. 16-19), embora as malhas dessas redes tenham diferentes texturas e formas protetórias, de acordo com os contextos sociais em que os jovens vivem. Tais contextos são definidos não só por especificidades estruturais e institucionais (mercado de trabalho, sistema educativo, políticas sociais) – tanto regionais como nacionais –, mas também por matrizes e tradições culturais (objetivadas individual e socialmente). Essa constatação reforça a natureza multicontextual e diferenciada das sociedades contemporâneas de que acima se falava (cf. Lahire, 1998).

Para traçar um retrato fidedigno das transições juvenis nesses diversos contextos, são necessárias abordagens triangularizadas (cf. Denzin, 1979), que ponham em diálogo diferentes escalas de análise – pesquisas extensivas com questionário, que permitam estabelecer perfis e contrastes a serem confrontados com testemunhos de quem vive essas transições. Assim, as análises tipológicas e fatoriais aqui sintetizadas permitiram caracterizar e enfatizar a crescente pluralização das trajetórias, das situações e das transições dos jovens europeus, muito além de estereótipos baseados em contrastes de sistemas de previdência social ou de países. Também foi dada relevância às matrizes culturais, às singularidades das experiências individuais e ao entrelaçamento destas naquelas.

De significativo alcance analítico foi também a articulação entre os processos de individualização e de reprodução social. Se, por um lado, a agên-

17. Aos inquiridos foi perguntado o grau de importância que atribuíam a diversos fatores na obtenção de um emprego, tais como a família, as instituições do Estado, o talento, as qualificações, a sorte e

cia pessoal adquire importância na condução das transições, como vimos no Grupo I (com predominância de jovens holandeses, espanhóis e britânicos), a posse de qualificações escolares conflui, decisivamente, para a aquisição de competências e recursos individuais. E, em muitos contextos, apesar de uma suposta igualdade no acesso à escola (universal e gratuita), há desigualdades estruturais em relação ao sucesso escolar que derivam principalmente da origem social. Além disso, no caso de Portugal, por exemplo, a classe social de origem continua sendo um preditivo dos resultados escolares dos jovens, quer em termos de duração da trajetória, quer em termos de sucesso escolar (cf. Cabral e Pais, 1998). A escolarização é mesmo um dos canais privilegiados para a individualização porque

[...] significa escolher e planejar a própria trajetória escolar. [...] Dependendo de sua duração e conteúdo, a educação torna possível, no mínimo, um certo grau de autodescoberta e reflexão. A pessoa escolarizada incorpora o conhecimento reflexivo das condições e perspectivas da modernidade, e por essa via torna-se um agente da modernidade reflexiva (Beck, 1992, p. 93).

A articulação entre processos de individualização e de reprodução social prossegue na passagem para o mercado de trabalho. Embora possa ser demasiado simplificador afirmar que quanto mais elevado for o grau de ensino atingido maiores as chances de se vir a ter um melhor emprego (devido às dificuldades crescentes em compatibilizar níveis de qualificação com oportunidades no mercado de trabalho), as hipóteses de sucesso são mais promissoras quando comparadas com aqueles que detêm fraco (ou nenhum) capital escolar.

Além das credenciais escolares, outros recursos cruciais são mobilizados no curso das trajetórias ou simplesmente nas vivências juvenis. Quando os jovens aparentam ser capazes de obter e mobilizar recursos “próprios” (providenciados pelo Estado, herdados por via de aculturações sociais ou por meio do estabelecimento de relações pessoais e/ou vidas profissionais satisfatórias), a autonomia é manifesta (Grupos I e V). Já quando os recursos são obtidos de forma mediada ou condicional (sobretudo por intermédio da família), a autonomia existe, mas não isenta de tensões relacionais ou ambivalências atitudinais (Grupos III e IV). Quando os recursos são insuficientes (devido aos constrangimentos socioeconômicos), aumenta o potencial gerador de dependência dos jovens em relação à família de origem (Grupo II).

As análises fatoriais realizadas, complementadas por testemunhos individuais, acrescentam uma profundidade adicional ao quadro analítico das transições juvenis na Europa, segmentando perfis de transição por contraste, ou seja, sublinhando eixos diferenciadores entre grupos sociais: seja entre grupos de jovens mais ou menos enraizados em culturas tradicionais regionais; seja na importância atribuída aos capitais escolares; seja, finalmente, entre jovens que já saíram de casa e outros que ainda vivem com os pais. O resultado é um retrato empiricamente informado da complexidade das trajetórias juvenis, tão individualizadas – em escala micro a variação interindividual é potencialmente infinita – quanto compostas por efeitos de reprodução e recomposição social, particularmente visíveis a uma escala intermédia e extensiva, também adotada neste estudo.

Referências Bibliográficas

- BECK, Ulrich. (1992), *Risk society*. London, Sage.
- _____. (1999), “Democratización de la familia”. In: _____. (ed.), *Hijos de la libertad*. México, Fondo de Cultura Económica, pp. 187-209.
- BIGGART, Andrew *et al.* (2003), *Families and transitions in Europe*. Coleraine, University of Ulster.
- BOURDIEU, Pierre. (1972), *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève, Droz.
- CABRAL, Manuel Villaverde de & PAIS, José Machado (eds.). (1998), *Jovens portugueses de hoje*. Oeiras, Celta Editora.
- CAVALLI, Alessandro & GALLAND, Olivier (eds.). (1995), *Youth in Europe*. London, Pinter.
- CHISHOLM, L. (1997), “Sensibilities and occlusions: vulnerable youth between social change and cultural context”. In: _____. BYNNER, J. & FURLONG, A. (eds.). *Youth citizenship and social change in a European context*. Hants and Vermont, Ashgate Publishing, pp. 103-118.
- COLEMAN, James. (1988), “Social capital in the creation of human capital”. *American Journal of Sociology*, 94: 95-120.
- CÔTÉ, James E. (2000), *Arrested adulthood: the changing nature of maturity and identity*. New York, New York University Press.
- _____. (2002), “The role of identity capital in the transition to adulthood: the individualization thesis examined”. *Journal of Youth Studies*, 5 (2): 117-134.
- CÔTÉ, James E. & ALLAHAR, A. L. (1994), *Generation on hold: coming of age in the late twentieth century*. New York, New York University Press.
- DENZIN, Norman K. (1979), *The research act in Sociology*. Chicago, Aldine.

- DU BOIS-REYMOND, Manuela. (1998), "I don't want to commit myself yet: young people's life concepts". *Journal of Youth Studies*, 1 (1): 63-79.
- DU BOIS-REYMOND, Manuela, VAN ROOIJEN, Erwin & GUIT, Harry. (1991), "Life perspectives of adolescents: a study from the Netherlands". In: HEINZ, Walter (ed.). *Life course and social change: comparative studies in labour market and social policy*, vol. II. Weinheim, Deutscher Studien Verlag, pp. 107-120.
- EGRIS (European Group for Integrated Social Research). (2001), "European misleading trajectories: transition dilemmas of young adults in Europe". *Journal of Youth Studies*, 4 (1): 101-118.
- ESPING-ANDERSEN, Gösta. (1990), *The three worlds of welfare capitalism*. Cambridge, Polity Press.
- EVANS, Karen. (2002), "Taking control of their lives? Agency in young adult transitions in England and the New Germany". *Journal of Youth Studies*, 5 (3): 245-269.
- EVANS, Karen & HEINZ, Walter (eds.). (1994), *Becoming adults in England and Germany*. London, Anglo-German Foundation.
- FURLONG, Andy & CARTMEL, Fred. (1997), *Young people and social change: individualization and risk in late modernity*. Buckingham, Open University Press.
- GALLAND, Olivier. (1997), *Sociologie de la jeunesse*. Paris, Armand-Colin.
- _____. (2001), "Adolescence, post-adolescence, jeunesse: retour sur quelques interprétations". *Revue Française de Sociologie*, 42-44: 611-640.
- INGLEHART, Robert. (1977), *The silent revolution: changing values and political styles among western publics*. Princeton, Princeton University Press.
- _____. (1990), *Culture shift in advanced industrial society*. Princeton, Princeton University Press.
- KAUFMAN, J.-C. (1993), *Sociologie du couple*. Paris, Presses Universitaires de France.
- LAHIRE, Bernard. (1998), *L'Homme pluriel*. Paris, Nathan.
- LOOKER, Dianne & DWYER, Peter. (1998), "Rethinking research on the education transitions of youth in the 1990s". *Journal of Research in Post-Compulsory Education*, 3: 5-23.
- MANHEIM, Karl. (1952), "The problem of generations". In: _____. *Essays on the Sociology of Knowledge*. London, Routledge and Kegan Paul (1 ed. 1927).
- MÖRCH, Sven. (1997), "Youth and activity theory". In: BYNNER, J., CHRISHOLM, L. & FURLONG, A. *Youth, citizenship and social change in a European context*. England, Ashgate Aldershot.
- MORTAIN, Blandine. (2002), "Parenté: des biens et des liens". *Sciences Humaines* (Hors-série), 36: 16-19.
- PAIS, José Machado. (1993), *Culturas juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- _____. (1995), "Growing up on de EC periphery: Portugal". In: CHISHOLM, L., KRÜGER, P. & DU BOIS-REYMOND, M. *Growing up in Europe*. Berlim/Nova York, Gruyter.
- _____. (1998), *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- _____. (2001), *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Lisboa, Âmbar.
- _____. (2003), "The multiple faces of the future in the labyrinth of life". *Journal of Youth Studies*, 6 (2): 127-144.
- PAPPÁMIKAIL, Lia. (2004), "Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal". *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46: 91-116.
- PETERS, Els & DU BOIS-REYMOND, Manuela. (1996), "Zwischen Anpassung und Widerstand: Junge Frauen im Modernisierungsprozeß. Nachrichten aus den Niederlanden". In: WALTHER, A. (ed.). *Junge Erwachsene in Europa*. Opladen, Leske and Budrich.
- RAFFO, Carlo & REEVES, Michelle. (2002), "Youth transitions and social exclusion: developments in social capital theory". *Journal of Youth Studies*, 3 (2).
- ROBERTS, Ken & PARSELL, Glynnis. (1994), "Youth cultures in Britain: the Middle Class Take-over". *Leisure Studies*, 13: 33-48.
- RUDD, Phil & EVANS, Karen. (1998), "Structure and agency in youth transitions: student experiences of vocational further education". *Journal of Youth Studies*, 1 (1): 39-62.
- SANTORO, Monica. (2000), *Extended young people's permanence with the family of origin: a research among Italian young people and their mothers*. Milão, Unpublished Ms. University of Milan-Bicocca.
- SCHEHR, Sébastien. (2000), "Processus de singularisation et formes de socialization de la jeunesse". *Lien Social et Politiques*, 43: 49-58.
- SINGLY, François de. (1993), *Sociologie de la famille contemporaine*. Paris, Éditions Nathan.
- _____. (2000), "Penser autrement la jeunesse". *Lien Social et Politiques*, 43: 9-21.
- STAUBER, Barbara *et al.* (2004), "WP3 e WP4 National Report – Germany". Texto policopiado.
- STOETZEL, Jean. (1983), *Les valeurs du temps présent*. Paris, PUF.
- WALLACE, Claire & KOVATCHEVA, Siyka. (1998), *Youth in society: the construction and deconstruction of youth in East and West Europe*. New York, St. Martin's Press.
- WYN, Johanna & DWYER, Peter. (1999), "New directions in research on youth in transition". *Journal of Youth Studies*, 2 (1): 5-21.

Resumo

Jovens europeus: retrato da diversidade

Este artigo explora as transições para a vida adulta de jovens de várias regiões europeias a partir de dados de uma pesquisa recente, baseada em um questionário. Para isso aplicaram-se análises *tipológicas* e *fatoriais*: das primeiras emergiram cinco grupos, tipificando distintas transições, orientações atitudinais e sociografias juvenis; das segundas resultaram contrastes fatoriais que evidenciam diferentes modalidades de transição. Essas análises – tipológicas e fatoriais – foram complementadas com análises qualitativas de entrevistas aprofundadas realizadas em uma amostra dos jovens inquiridos e seus respectivos pais. As triangulações analíticas ilustram a diversidade das transições, interpretadas à luz dos processos sociais (como a individualização e a reprodução social) e dos contextos de socialização (familiar, educacional, cultural).

Palavras-chave: Juventude; Europa; Transições para a vida adulta.

Abstract

Young europeans: a portrait of diversity

This article explores the diversity of education to work transitions amongst some European young people. Following contextualisation of recent social change in issues relating to the family, individualized trajectories and transition regimes in Europe, youth transitions are discussed through the presentation of results of current qualitative research. This research is represented by exemplary case studies from six of the regions participating in this research, namely, Portugal, Denmark, the Netherlands, Italy, East Germany and the United Kingdom. These accounts illustrate the range of responses young people with contrasting social conditions across Europe make to changing circumstances, such as the extension and prolongation of educational pathways, the transformation of the labour market and a shifting balance between state and family support in enabling labour market entry. Dimensions such as family ties and future plans are also portrayed in this article in relation to current theoretical debates around the issues individualization, agency and structure in youth trajectories.

Keywords: Youth; Europe; Transitions to adult life.

Texto recebido e aprovado em 25/8/2005.

José Machado Pais é pesquisador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. E-mail: machado.pais@ics.ul.pt.

David Cairns (pós-doutorado) e Lia Pappamikail (doutoranda) pesquisam atualmente no mesmo instituto, na condição de bolsistas da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.